

SC6374

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

Addis Ababa, ETHIOPIA P. O. Box 3243 Telephone : 011-551 7700 Fax : 011-551 7844
website : www.africa-union.org

CONSELHO EXECUTIVO

Vigésima Sessão Ordinária

23 – 27 de Janeiro de 2012

Adis Abeba, Etiópia

EX.CL/709 (XX)

Original:Inglês

RELATÓRIO DA COMISSÃO SOBRE
A SITUAÇÃO HUMANITÁRIA EM ÁFRICA

RELATÓRIO DA COMISSÃO SOBRE A SITUAÇÃO HUMANITÁRIA EM ÁFRICA

INTRODUÇÃO

1. O relatório cobre o período de Julho de 2011 até Janeiro de 2012. Ele providencia uma visão global da situação humanitária geral, especialmente em relação aos refugiados, retornados, deslocados internos, bem como às calamidades naturais ou as provocadas pelo homem. O relatório menciona igualmente os desafios e apresenta vários programas e actividades levadas a cabo pela Comissão e o Sub-Comité de CRP sobre Refugiados, Retornados e Deslocados Internos e com os seus parceiros de operação, tais como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o Programa Mundial de Alimentação (PAM), a Organização Internacional de Migração (OIM), o Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV), Gabinete das NU para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), na procura de soluções duradouras para os problemas humanitários incluindo a deslocação forçada.

2. É de salientar que a Comissão continua a depender fortemente na informação fornecida pelos parceiros. Menos de dez Estados Membros enviaram informação à Comissão, apesar de terem sido recordados pela Decisão do Conselho Executivo da necessidade de apoiarem a Comissão no fornecimento de informação actualizada.

PANORAMA GERAL DA SITUAÇÃO HUMANITÁRIA EM ÁFRICA

3. Durante o período em análise, a África continuou a ter a reputação de produzir o maior número de deslocações forçadas de pessoas, estimado em mais de 15 milhões. A intensificação de alguns conflitos, em algumas partes do continente, continua a contribuir para a insegurança e causaram milhares de mortos, destruição maciça de infraestruturas e interrupções de serviços, bem como o fluxo de milhões de pessoas para o exílio, como refugiados e como deslocados internos. Adicionalmente, a falta de respeito pelos Direitos Humanos e o primado do Estado do Direito resultou no imenso sofrimento de pessoas inocentes, especialmente, mulheres e crianças que são vítimas das consequências do défice de governação em muitas sociedades, tais como a violência baseada no género e no sexo, incluindo assassinatos, torturas, raptos e tráfico humano. Estas situações afectaram o espaço humanitário e os trabalhadores da ajuda humanitária não são poupados, porque alguns deles são assassinados ou raptados, enquanto outros são forçados a partir e os que ficam, encontram dificuldades para levarem acabo os programas e as actividades a favor daqueles que são forçados a deslocarem-se.

4. Importa salientar que, embora a comunidade internacional se tenha concentrado em assuntos de deslocações forçadas, o problema da apátrida é muitas vezes esquecido e requer igualmente a sua atenção. A este respeito, refira-se à questão de movimentos migratórios mistos, que está em crescimento, a partir da África do Norte e Ocidental para a Europa e da África Oriental/Central para a região Austral, bem como dentro da própria região Austral para a África do Sul. Esta tendência irregular complicou mais ainda o problema da deslocação forçada. Isto levou os governos da África Austral

a endurecerem as políticas de asilo, causando as vezes incidentes de repulsão, que resultam algumas as vezes em perdas de vidas no mar. A situação assumiu neste momento uma proporção maior e tornou-se um grande desafio que merece uma atenção continental concertada.

5. A situação humanitária agravou-se ainda mais pelas emergências complexas, tais como a seca, que origina a fome, os efeitos das alterações climáticas, o aumento do preço de produtos alimentares, bem como outras calamidades naturais e as provocadas pelo homem, que contribuíram, no seu todo, para o agravamento das questões humanitárias e, em particular, minar os esforços que visam colmatar o problema da deslocação forçada ao nível do continente.

6. Os países de asilo, que continuam a fazer grandes sacrifícios ao acolherem um grande número de refugiados, apesar das suas enormes dificuldades sócio-económicas, deveriam ser reconhecidos e elogiados. A este respeito, faz-se uma referência especial ao governo e ao povo da Tunísia, que demonstraram solidariedade e uma hospitalidade enorme para com os refugiados da Líbia e outros cidadãos de países terceiros, que procuraram refúgio ou regressaram para os seus países de origem, na sequência da crise que afectou a Líbia.

7. Entretanto, tudo isto não foi em vão, porque a África testemunhou alguns desenvolvimentos encorajadores relativamente à criação de condições favoráveis para as operações de repatriamento de muitos refugiados para os seus países de origem em África. Isto foi possível, graças as iniciativas de paz e de acordos com vários países, tais como a República do Sudão, Burundi, Cote d'Ivoire, República Centro Africana e a República Democrática do Congo. Adicionalmente, a reintegração continua em muitas partes de África. Estes desenvolvimentos positivos estavam em conformidade com a implementação do Plano de Acção das Conclusões da Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo de Kampala de 2009, sobre os Refugiados, Retornados e Deslocados Internos em África.

8. Durante o período em análise, o continente provou mais uma vez que era capaz de resolver os seus próprios problemas em matéria humanitária. Devido a grave situação humanitária que prevaleceu no Corno de África, a Comissão organizou uma Conferência de Doadores da União Africana sobre a Seca no Corno de África em Adis Abeba, Etiópia no dia 25 de Agosto de 2011, com vista a mobilizar recursos para tratar desta situação na região. Mais de 350.000,00 milhões de USD, em numerário e em espécie, foi garantido para uma causa nobre. As promessas já estão a ser canalizadas, com um montante de cerca de 5 milhões USD já recebidos até ao momento.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE

9. Durante o período em análise, a situação humanitária na região Norte manteve-se frágil devido ao conflito na Líbia. Perto de 1.5 milhões de pessoas, incluindo emigrantes e refugiados, atravessaram as fronteiras para os países vizinhos

principalmente para Tunísia, Egípto, Argélia, mas também para Níger, Chade, para a República de Sudão e até a Itália e Malta. Todos os dias, entre 15,000 e 20,000 pessoas atravessavam a fronteira do Egípto e da Tunísia, no ponto crítico da crise. Embora os países da região continuem a dar auxílio a essas populações que têm necessidades básicas, a situação colocou uma enorme pressão sobre eles, pelo facto de que todos recentemente viveram ou ainda vivem mudanças fundamentais de grandes proporções.

10. A **Argélia**, que vem acolhendo cerca de 165,000 refugiados Sarauís, desde os princípios de 1970, é igualmente um país de asilo para alguns refugiados da região, principalmente os Líbios. O país registou igualmente inundações no sudoeste de Argel, que provocou danos sérios nas infraestruturas públicas e privadas, incluindo casas, pontes e escolas.

11. O foco principal na região foi a **Líbia**, onde mais de 2 milhões de pessoas estavam em movimento dentro do país e para o exterior. A maioria das pessoas em movimento eram cidadãos não líbios, migrantes e quase 50 por cento deles eram oriundos de países contíguos e que foram repatriados para os seus países de origem. No país, a comunidade humanitária levantou preocupações aos níveis da protecção e da vulnerabilidade da população civil, especialmente, aqueles perto da linha da frente em áreas atingidas pelo conflito. Comunicou-se que, durante o conflito, houve violação dos princípios internacionais de direitos humanos e de direitos humanitários.

12. No **Egípto**, havia cerca de 43.148 casos antigos de refugiados, dos quais a maior parte era do Sudão, da Somália, da Eritreia, da Etiópia e outras nacionalidades. Além disso, o país recebeu novo afluxo de refugiados da Líbia, com um número que rondava os 283.000 e 90.000 de outros refugiados de diferentes nacionalidades, todos provenientes da Líbia. Eles estavam a espera de repatriamento para os seus países de origem.

13. A **Tunísia** testemunhou, pela primeira vez, um fluxo de refugiados em toda a sua história. Importa notar que o próprio país acabava de viver uma revolução. No entanto, o país demonstrou um elevado grau de solidariedade, com a hospitalidade oferecida aos líbios, bem como a cidadãos de outros países que tinham sido deslocados à força. Convém recordar que mais de 1,5 milhões de pessoas passaram pela Tunísia e foram processadas pelo ACNUR e OIM durante o exercício de repatriamento. Neste momento, há cerca de 3.600 refugiados, que ficaram no único acampamento existente, o de Shousha e a maior parte destes casos restantes estão a ser processados para o reassentamento em outros países como os EUA, os países nórdicos, o Canadá e a Austrália. A maioria dos refugiados é oriunda da Somália e da Eritreia.

REGIÃO OCIDENTAL

14. A situação humanitária geral na região está a registar alguma melhoria. Todavia, a situação em **Cote d'Ivoire**, levou a um novo caso de refugiados, como foi apresentado no relatório anterior ao Conselho, e há ainda milhares de cidadãos do país

em situação de refugiados, desde Novembro de 2011, que se encontram nos seguintes países: Libéria 178.163; Gana 17.985; Togo 4.701; e Guiné 2.477

15. A situação geral de segurança em Abidjan e na parte ocidental do país manteve-se fluida, à medida que continuava o movimento de pessoas. Isto deve-se a incidentes de segurança, a intimidação e a incerteza de receber assistência em suas áreas de retorno. Contudo, alguns Deslocados Internos (DIs) regressaram ao oeste do país e ao longo da fronteira entre a Libéria e a Cote d'Ivoire. Algumas aldeias registraram 80 por cento de repatriados, enquanto outras tiveram um registo de apenas 20 por cento. Muitas partes do país ainda necessitam de assistência humanitária, especialmente alimentos, porque várias pessoas perderam o seu período de colheita agrícola.

16. Durante o período em análise, as autoridades no **Níger** informaram a Comissão que o país acolhe 446 refugiados, enquanto estão em trânsito 4.755 diferentes nacionais provenientes da Líbia e 223.307 cidadãos do país foram repatriados da Líbia.

17. A **Libéria** continua a hospedar milhares de refugiados da Cote d'Ivoire, dos quais estima-se o número de 178.163, em Outubro de 2011, um aumento de quase 30.000, desde Abril de 2011. Cerca de 33.500 vivem em campos de refugiados, enquanto a maioria deles reside em 230 comunidades perto da fronteira ivoriense e quase todos eles dependem da assistência humanitária. Por outro lado, desde Setembro de 2011, 1.629 refugiados liberianos foram voluntariamente repatriados e reintegrados em todo o país.

REGIÃO CENTRAL

18. A região Central continua a representar um desafio humanitário, devido a conflitos em curso em alguns países, nomeadamente o Chade, a República Centro-africana e a República Democrática do Congo. A isto junta-se as actividades crescentes do Exército de Resistência do Senhor (LRA), um grupo rebelde que teve origem no Uganda, em 1987, e que está a causar destruição na região. As actividades do LRA incluem a carnificina, os ataques incessantes e sequestros, especialmente de mulheres e crianças. Esses conflitos têm complicado a entrega de ajuda humanitária, especialmente para as áreas que são de acesso difícil. Além disso, as inundações e as secas recorrentes continuam a afectar a região. Consequentemente, milhares de pessoas se tornaram refugiados ou deslocados internos, enquanto a região trata, simultaneamente, dos refugiados de outras partes de África.

19. A **República Centro-africana (RCA)** tinha iniciado um programa de desarmamento e desmobilização de ex-combatentes, após o acordo de paz do país que foi assinado entre o governo e as facções rebeldes. Estima-se que 169.698 pessoas estão deslocadas internamente. Além disso, o país já acolhe 17.504 refugiados e requerentes de asilo.

20. Quanto ao **Chade**, em Outubro de 2011, o país recebeu, com a ajuda da OIM, cerca de 83.244 cidadãos seus da Líbia; mas, os outros tiveram dificuldades de regressar à pátria, devido à falta de transporte. O número de refugiados da região de

Darfur é quase 200.000, do qual aproximadamente 55.000 refugiados são oriundos da RCA e perto de 5.000 refugiados urbanos são provenientes de diferentes países.

21. Os **Camarões** continuam a dar asilo à cerca de 50.000 refugiados da região e da África Ocidental e um grande número deles vive em comunidades locais.

22. Na **República Democrática do Congo (RDC)** cerca de 1,7 milhões de pessoas estão deslocadas internamente, devido ao conflito em curso e a violações dos direitos humanos, durante quase 20 anos, em algumas partes do país, como no distrito de Ituri, no Kivu do Norte, no Kivu do Sul e na província de Equateur. Além disso, as atrocidades cometidas pelo LRA têm provocado a deslocação de mais pessoas e, por outro lado, mais de 440.000 encontraram refúgio especialmente em países vizinhos. O acesso humanitário na maioria das áreas continua a ser um problema, particularmente na libertação da tão necessária assistência, por causa da insegurança e da deficiente infra-estrutura rodoviária. Por isso, quase 1,4 milhões de crianças, menores de 5 anos, sofrem de desnutrição aguda. Portanto, o conflito perene tem minado a economia do país, devastou a infra-estrutura e agravou a situação de segurança alimentar.

23. A **República do Congo** continuou a albergar aproximadamente 115.000 refugiados da província de Equateur da RDC, que fugiram por causa do conflito na área, em 2009. Os refugiados estabeleceram-se a uma distância de 350 km do Rio Ubangui, na província de Likouala.

REGIÃO ORIENTAL

24. 35. Durante o período em análise, as condições de seca e fome na região, agravadas pelos conflitos na Somália, afectaram quase 14 milhões de pessoas, especialmente no Djibouti, na Etiópia, no Quênia e, em particular, na Somália. A situação de seca tem sido descrita como a pior nos últimos 60 anos. A Rede de Sistemas de Aviso Prévio de Escassez Alimentar (FEWSNET) dá a conhecer que, enquanto as secas anteriores poderão ter durado mais tempo, a seca actual tem sido particularmente grave, devido ao espaço humanitário retraído por causa do conflito contínuo na Somália. O seu impacto tem sido exacerbado pelos preços de produtos alimentícios extremamente elevados, a reduzida capacidade para fazer face à situação e a resposta humanitária limitada. A região acolheu cerca de 727.163 refugiados somalis, em meados de Outubro de 2011, sobrecarregando assim os serviços e as instalações nos países de asilo.

25. Os surtos de doenças de animais relacionados com a seca afectaram igualmente as comunidades pastoris e contribuíram para as migrações trans-fronteiriças. Os pastores somalis atravessam a fronteira para o Quênia, enquanto milhares de animais e pastores do Quênia migraram para o Uganda. Mais migrações transfronteiriças tiveram lugar do Quênia e da Somália para a Etiópia e, por conseguinte, a competição por recursos escassos poderia culminar em conflitos sobre os recursos com as comunidades locais de acolhimento.

26. Devido à situação da seca e fome, bem como outras crises humanitárias existentes na região, a União Africana respondeu ao desafio de várias maneiras, incluindo a convocação da conferência de doadores em 25 de Agosto de 2011, em Adis Abeba, na Etiópia. A conferência foi convocada com o objectivo de promover uma compreensão comum das necessidades e prioridades para os países mais afectados na região, bem como ajudar a enfrentar os desafios e a determinar as perspectivas.

27. Em relação ao **Djibuti**, o número de pessoas afectadas pela situação de seca naquela altura era de 120.000; mas, ele aumentou para 180.000, em Novembro de 2011. Deste número 120.000 pessoas são das zonas rurais e 60.000 das zonas urbanas. Os refugiados somalis continuaram a procurar asilo no Djibuti em números relativamente grandes, embora a um ritmo inferior em comparação com a Etiópia e o Quênia. O número de refugiados no Djibuti é de cerca de 30.000 e a maior parte é oriunda da Somália, que dependem inteiramente da ajuda alimentar.

28. O Governo da **Etiópia** apresentou um relatório à Conferência de Doadores que afirmava que 4,5 milhões de pessoas tinham necessidade de assistência humanitária, nomeadamente nas regiões de Ogaden e de Oromia. Muitas pessoas que vivem nas zonas afectadas pela seca são também severamente atingidas pelo aumento dos preços dos alimentos.

29. O país alberga 256.000 refugiados, dos quais 173.800 são somalis. Desde Junho de 2011, o país continuou a receber refugiados da Somália a um ritmo alarmante, que chegavam num estado de saúde muito debilitado; as taxas de desnutrição e de mortalidade eram muito elevadas. O acampamento de Dollo Ado foi estabelecido para acomodar os recém-chegados, cujo número, em Outubro de 2011, era de 127.425. Na altura em que recebia novos refugiados somalis, o país acolhia igualmente cerca de 27.500 novos casos de refugiados provenientes do Sudão, desde Setembro de 2011, na sequência do conflito que eclodiu no Estado de Nilo Azul (Blue Nile State).

30. No caso do **Quênia**, o número de afectados pela seca situou-se em mais de 3,75 milhões. A situação foi agravada pela subida de preços dos produtos alimentares e do combustível. As taxas de desnutrição entre crianças menores de cinco anos subiram drasticamente para 37 por cento das crianças menores de cinco anos que estavam desnutridas nalguns distritos do Norte. Entretanto, a situação frágil de segurança ao longo da fronteira entre o Quênia e a Somália está a afectar as populações das zonas já afectadas pela seca e as organizações humanitárias; e esta situação agrava-se mais ainda devido às fortes chuvas que, conseqüentemente, perturbam a distribuição da ajuda alimentar e resultam também na perda de gado. O país tem uma população de refugiados e requerentes de asilo de 595.127 localizados em Dadaab, Kakuma e Nairobi. Uma média de 1.300 refugiados somalis atravessaram a fronteira para os campos de refugiados de Dadaab, no nordeste do Quênia, no auge da crise na Somália, aumentando assim a população para 460.208. Os níveis de desnutrição entre os refugiados recém-chegados eram muito elevados. Os campos em Dadaab receberam refugiados somalis durante os últimos 20 anos e agora superaram a sua capacidade original de acolhimento. Cerca de 82.217 requerentes de asilo foram

transferidos para os campos de refugiados de Kambioos, Oriente e o Ocidente de IFO II, em Julho de 2011, a fim de aliviar o congestionamento.

31. Desde a convocação da Conferência de Doadores, em Agosto de 2011, a situação na **Somália** continuou a deteriorar-se, com mais de um terço dos 7,5 milhões de pessoas do país afetados pela crise. A fome propagou-se para 7 regiões do Sul do país. No momento da Conferência, o Presidente do Governo de Transição Federal (TFG) afirmou que o número de pessoas afectadas era de 3,7 milhões, mas que, depois da Conferência, o número aumentou para mais de 4 milhões. Os 3 milhões de pessoas afectadas estão no Sul. Estima-se que o número de deslocados internos é de 1,5 milhões, um aumento de cerca de quatro vezes mais do que a cinco anos atrás. Deste número, mais de 400.000 estão em Mogadixo, a capital. O país tem as taxas de desnutrição mais altas do mundo, superior a 50 por cento e há desnutrição aguda em mais de 30 por cento das crianças.

32. Quanto à **República do Sudão**, o conflito entre as Repúblicas do Sudão e do Sudão do Sul, bem como os conflitos internos dentro do Sudão no Estado do Nilo Azul e no Estado do Kordofan do Sul, afectou milhares de pessoas e causou mais deslocamentos. Desde Setembro de 2011, mais de 25.000 pessoas fugiram dos combates no Nilo Azul para a Etiópia e cerca de 75 mil foram deslocadas internamente, no Estado de Kordofan do Sul. A situação em Abyei continua volátil e já afectou as comunidades locais. As agências humanitárias informaram que foi difícil de estimar o número de pessoas deslocadas internamente em algumas áreas, devido ao limitado acesso humanitário.

33. Em relação a Darfur, alguns deslocados internos estão no processo de regressar às suas aldeias, enquanto outros ainda permanecem como deslocados internos, apesar da assinatura do acordo de paz entre o governo e o Movimento de Libertação e para a Justiça, em Julho de 2011. A insegurança impediu os trabalhadores humanitários de prestar serviços humanitários e implementar os seus programas.

34. Durante o período em análise, o **Sudão do Sul** continuou a receber milhares de repatriados de países vizinhos, bem como a República do Sudão, que foi precipitada pela independência do país em Julho de 2011. Em Novembro de 2011, mais de 346.000 pessoas regressaram ao país, que significa um aumento de mais de 100.000 retornados, desde o último relatório em Julho de 2011. Por outro lado, mais de 320.000 pessoas foram deslocadas, devido à fragilidade da economia, o conflito recorrente, as mudanças climáticas e a situação das cheias. Ainda em 2011: os combates na disputa das zonas fronteiriças entre a República do Sudão e o Sudão do Sul; os confrontos entre os grupos de milícias; as disputas sobre a terra e o gado; e os ataques por parte do Exército de Resistência do Senhor, forçaram quase 300 mil pessoas das suas casas. A situação foi agravada pelo fluxo constante de pessoas que regressavam, entre outros factores. A nova nação enfrenta enormes desafios e precisa de todos os esforços colectivos da comunidade internacional para alcançar um desenvolvimento socio-económico significativo.

35. O Governo da **Tânzania** continua a cuidar de cerca de 109,000 refugiados da RDC e do Burundi. Simultaneamente, regista-se uma migração de grande escala. A maior parte dos migrantes é da região, que usa o país como rota de trânsito para a África de Sul.

36. A Seca afectou a região nordeste do **Uganda**, e, conseqüentemente, mais de 140.000 pessoas dependem da ajuda alimentar do PAM. O país tem uma população de refugiados de quase 100.000, que são provenientes da RDC, do Ruanda e do Sudão e estabeleceram-se na parte noroeste e sudoeste do país. Mais de 3.000 Sudanêses do Sul foram repatriados, durante o período de elaboração do relatório. O número de deslocados internos reduziu drasticamente, de quase 2 milhões de deslocados internos para 78.000. Os retornados estão agora empenhados na produção agrícola. No entanto, o LRA ainda é uma ameaça para as comunidades locais, porque continua a matar e a raptar pessoas no país.

REGIÃO SUL

37. No último relatório do Conselho, em Julho de 2011, a região Sul sofreu de calamidades naturais ou provocadas pelo homem em grande escala, que afectaram mais de um milhão de pessoas e alguns países ainda não se recuperaram dos efeitos dessas catástrofes. Ao mesmo tempo, a região continuou a dar asilo aos refugiados, principalmente das regiões Centrais e Orientais.

38. O **Madagáscar** é um país que sofreu calamidades naturais nas últimas quatro décadas. Mais de 50 calamidades naturais tiveram impacto no país. O Oriente é afectado por ciclones e inundações e o Sul sofre de seca crônica. Isso deu origem à insegurança alimentar e alega-se que o país é dos 36 países onde vivem 90 por cento das crianças atrofiadas do mundo. O Madagáscar tem extrema necessidade de apoio para reduzir a insegurança alimentar, mitigar os efeitos das calamidades naturais, melhorando a protecção ambiental e o combate à desnutrição e outras doenças.

39. O Governo de **Angola** declarou que 4 milhões de refugiados e deslocados internos que regressaram, em 2006, foram reassentados e reintegrados no país com o apoio de várias agências humanitárias. Após a cláusula de cessação de repatriamento, em 2007, cerca de 146.814 angolanos optaram por permanecer como refugiados principalmente na Zâmbia, na RDC e na Namíbia, incluindo a República do Congo, enquanto 2.355 recentemente regressaram de países vizinhos. Por outro lado, o país acolhe 14,298 refugiados, que vivem em várias províncias. O Governo dá-lhes protecção e assistência, em conformidade com o instrumento jurídico que rege o estatuto do refugiado.

40. **Moçambique** continua a receber movimentos irregulares de pessoas, das quais são maioritariamente somalis e etíopes e o seu número é difícil de estimar. Além disso, o país abriga cerca de 7.000 refugiados no campo de refugiados de Maratane em Nampula, a maioria deles chegou desde os princípios de 2011. O país foi afectado pelos ciclos crônicos de cheias e secas devido às alterações climáticas. Foi observado que, enquanto o número de pessoas que necessitava de assistência humanitária

diminuía ao longo do tempo, o registo daqueles que necessitavam de assistência alimentar devido as calamidades continuava a ser significativo; por exemplo, em 2010, mais de 350.000 pessoas receberam assistência.

41. A **África do Sul** continua a ser o destino número um de asilo em África e um dos destinos de asilo do topo no mundo, além de movimentos migratórios mistos.

42. No caso do **Zimbabwe**, a segurança alimentar continua a ser uma questão importante, porque mais de um milhão de pessoas, particularmente nas zonas rurais, necessitam de assistência alimentar. Isto é, para além das necessidades de cerca de 5.000 refugiados, migrantes, outros grupos vulneráveis, bem como entre os 50 e 70 requerentes de asilo que entram mensalmente no país. O país também vive um êxodo mensal regular [de...], devido ao movimento irregular [de...], principalmente para a África do Sul.

IMPLEMENTAÇÃO

43. A Comissão da União Africana, juntamente com o Sub-Comité do CRP sobre Refugiados, Repatriados e Pessoas Deslocadas Internamente e em estreita cooperação com os parceiros da UA e várias organizações e agências relevantes, implementou alguns programas e actividades em conformidade com várias Declarações, Decisões, Resoluções e Recomendações do Conselho Executivo e de Cimeiras da UA sobre as questões de deslocação forçada.

44. O Sub-Comité do CRP sobre Refugiados, juntamente com a Comissão, visitou a Cote d'Ivoire e a Tunísia em Novembro de 2011. Os pormenores das missões estão contidos no Relatório das Actividades do Sub-Comité do CRP sobre os Refugiados, que será apresentado ao Conselho para a apreciação.

45. A Comissão, juntamente com o CRP e os parceiros, realizou várias reuniões preparatórias para a convocação da Conferência de Doadores da União Africana sobre a Seca e a Fome no Corno da África. A Conferência de Doadores teve lugar na sede da UA sob o tema "Uma África-Uma Voz Contra a Fome", com o objectivo de mobilizar e sensibilizar a população africana sobre a situação da seca e da fome da população afectada no Corno de África. A conferência ficou sob a presidência de S.E. Obiang Thodoro Mbasogo Nguema, Presidente da Guiné Equatorial e Presidente da União.

46. Para mobilizar a solidariedade e a consciencialização sobre o sofrimento da população afectada no Corno da África, decidiu-se que o antigo Presidente do Gana e Enviado Especial do Presidente da Comissão para a Somália, S. Excia o Sr. Jerry J. Rawlings, representaria a campanha de mobilização de apoio a esta causa. Devido a natureza da situação de emergência, o antigo Presidente Rawlings iniciou a sua missão à determinados países africanos, com vista a levar essa situação à atenção desses países, nas cinco regiões do continente. Esses países incluem a Guiné Equatorial, a Nigéria, o Congo, a África do Sul e Angola.

47. A Conferência de Doadores sobre a Seca no Corno de África foi realizada em Adis Abeba, na Etiópia, em 25 de Agosto de 2011. O objectivo da conferência era de mobilizar recursos e elevar a consciência no seio dos Estados-Membros da UA e da comunidade internacional em geral, sobre a necessidade de atenuar a situação da população afectada no Corno de África. Os Estados-Membros mostraram solidariedade e afirmaram a sua vontade de contribuir para o alívio do sofrimento das pessoas afectadas. Devido à importância dada ao objectivo da conferência, ela contou a participação da União Africana, ao seu mais alto nível, da comunidade mais alargada de doadores, do sector privado africano, das organizações da sociedade civil, do sistema das Nações Unidas e das organizações internacionais. Os jovens africanos não ficaram de fora. Os jovens do Gana e da África do Sul decidiram tomar medidas individuais para sensibilizar e angariar fundos para a mesma finalidade.

48. A soma de USD \$351.706 milhões foi prometida em dinheiro e USD \$28,8 milhões em espécie, durante a Conferência. A Isto acrescentava-se a doação financeira de um total de USD\$500.000 dos Fundos da Comissão. No momento da apresentação do relatório, uma soma de USD \$4.500.000 milhões foi recebida dos Estados-Membros e de outros grupos. Além disso, a Argélia entregou uma contribuição em espécie de USD \$10 milhões, por intermédio do ACNUR.

49. Relativamente à execução do Plano de Acção das Conclusões da Cimeira Especial da UA sobre Refugiados, Repatriados e Pessoas Internamente Deslocadas em África, realizaram-se reuniões de consultas regionais para as regiões Central e Ocidental com CERs, parceiros, sociedade civil e a Diáspora, bem como com outras organizações relevantes. Foram apresentadas iniciativas sobre a forma de promover a assinatura e ratificação/adesão à Convenção da UA para a Protecção e Assistência à Pessoas Deslocadas Internamente em África. Desde o mês de Outubro de 2011, 32 países assinaram a Convenção, enquanto 14 ratificaram-na e 7 depositaram os instrumentos junto à Comissão.

50. Uma missão multidisciplinar de peritos visitou a Côte d'Ivoire, de 5 a 12 de Novembro de 2011, a fim de avaliar o processo de reconstrução pós-conflito e a situação de desenvolvimento do país no contexto da implementação da política da UA sobre PCRD. A missão foi realizada em parceria com o Banco Africano de desenvolvimento (BAD), a Comissão Económica das Nações Unidas para a África (UNECA), a Organização Internacional de Países Francófonos (IOF), a União Europeia e a NEPAD.

51. Os objectivos da missão foram: avaliar as necessidades da Côte d'Ivoire, no rescaldo da crise pós-eleitoral, com vista a identificar a natureza de apoio que a UA poderia fornecer, incluindo no processo de reconciliação nacional e nas reformas sectoriais; e formular algumas recomendações sobre a contribuição que os Estados-Membros da UA e outros parceiros poderiam providenciar.

52. Grandes preocupações e requisitos foram identificados em áreas relacionadas com o seguinte: o apoio para a paz nacional, a Comissão da Verdade e Reconciliação; a Reforma do Sector da segurança; o Desarmamento, a Desmobilização e a

Reinserção dos antigos combatentes; a Reforma da Justiça; a Ajuda Humanitária para a reinserção dos milhares de retornados e deslocados internos; e o reforço do sector económico. Um relatório abrangente da avaliação foi apresentado ao Conselho de Paz e Segurança e será seguido por uma conferência de doadores, em 2012.

53. No contexto do programa de desenvolvimento de capacidades entre a Comissão e a Organização das Nações Unidas, o OCHA e o PMA/PAM apoiaram a Comissão, com a primeira a destacar oficiais para um período de curto prazo, enquanto o ACNUR continua manter um oficial na Comissão, desde 2005.

54. Várias actividades foram realizadas e a maior foi a 62ª Sessão do Comité Executivo do Programa do Alto Comissário, que foi realizado no início de Outubro de 2011. A reunião salientou a importância do compromisso colectivo para a noção de protecção e enfatizou o valor da solidariedade, cooperação e partilha de encargos. Salientou ainda que havia necessidade do ACNUR coordenar com outras agências, em especial o OCHA. Além disso, a Comissão participou nas actividades de comemoração dos 60º e 50º aniversários da Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados e a Convenção sobre a Redução dos Casos de Apátrida, respectivamente. A Comissão na cerimónia comprometeu-se, entre outras coisas, a sensibilizar e a incentivar os Estados Membros da União Africana, que ainda não tinham assinado e/ou ratificado estas convenções, a fazê-lo o mais brevemente possível.

55. A Comissão e o OCHA realizaram a segunda reunião técnica em Nova Iorque, em Julho de 2011, e finalizaram o Plano de Acção detalhado para a implementação do Memorando de Entendimento entre as duas instituições. Esta reunião foi seguida de um encontro ao nível da Administração aqui em Adis Abeba, em que o Plano de Acção foi aprovado pelos Directores das duas instituições.

56. O seminário conjunto da UA/ICRC realizou-se em Adis Abeba, na Etiópia, em Novembro de 2011, sob o tema "Protecção de Civis em Conflitos Armados e Outras Situações de Violência em África". O tema foi cuidadosamente escolhido, devido ao facto de que a Comissão está em processo de definição e desenvolvimento da sua própria agenda e abordagem específica da protecção; e também os desafios da protecção de civis estavam no topo da agenda em 2011.

57. A reunião do Grupo Consultivo Internacional de Busca e Salvamento (INSARAG) com o Grupo Regional de África/Europa/Médio Oriente foi realizada em Túnis, na Tunísia em Outubro de 2011. O principal objectivo da reunião era de continuar a colaborar com os parceiros da UA no seguimento de questões regionais no continente sobre a preparação e resposta a emergências súbitas.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

58. Os desenvolvimentos positivos no combate às causas principais dos problemas das deslocações forçadas produziram resultados encorajadores em África. Isto tem sido evidenciado com os retornos bem-sucedidos de milhares de refugiados e de pessoas deslocadas internamente.

59. Todavia, a magnitude e a complexidade dos desafios com que se confrontam os Estados-Membros e a Comissão são enormes. Como está articulado no relatório, os conflitos, os casos prolongados de refugiados, o fenómeno crescente da migração irregular, as violações dos direitos humanos, o tráfico de seres humanos, as alterações climáticas, as calamidades naturais e antrópicas, a insegurança alimentar e de água, bem como a crescente vulnerabilidade requerem esforços colectivos dos Estados-Membros e da Comissão em estreita colaboração com os parceiros da UA, as CERs, as Organizações da Sociedade Civil e a Diáspora, bem como outras instituições internacionais relevantes. A este propósito, é imperioso que o Plano de Acção, que emanou das Conclusões da Cimeira Especial da UA sobre Refugiados, Repatriados e Pessoas Internamente Deslocadas em África, seja implementado, de modo resolver os problemas das deslocações forçadas para uma eventual paz, segurança e desenvolvimento sustentável no continente.

2012

Report of the commission on the humanitarian situation in Africa

African Union

African Union

<http://archives.au.int/handle/123456789/4860>

Downloaded from African Union Common Repository